

PELAS SINCERIDADES

Livro 139

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



MEUS PRANTOS

Meus prantos catam estruturas, algum sentido em busca de encontrar motivações necessárias. Fora de foco, desperdiço abundâncias, a vida se encaminha para o nada, imerso nestes momentos nomeio o valor da estima guardada, faço o relato alegórico que termina consagrado no silêncio que guardo no anonimato até ser o esquecimento absoluto.



DESESPERO

Desesperação, indecisão diante das exigências que nunca alcanço responder, ante a cega tentação de desafiar aquilo que me promove fracassos. Alterno a grotesca pretensão de solucionar a vida, propondo armistícios com a plantação de dúvidas permanentes.

PROPOSTA

A minha aventura começa onde termina a subordinação. Alguma coisa persiste, por insistência aparece fugaz, precária como um instante, desafiando a proposta de inovar.



MINHA CONSCIÊNCIA

Minha consciência já não é despertada por banais interesses, pouco me espanto por haver perdido o sentido da dor que anuncia com dor aquilo que perdi. Acostumado às satisfações reduzidas, passou de moda esperar a novidade embrulhada em alguma alegria. Minha paz foi ocupada pelo fim dos encontros, meu horror está ocupado em se assustar com o festejo da ficção que promete substituição com vantagens, do aborto festejado como uma social conquista. Da vida gastada em tolas certezas e de ver palavras esvaziadas em seus sentidos.

FÔLEGO FERIDO

Com o fôlego ferido, aflito faço o que me resta: espero para ver. As opções, quando ausentes celebram e se contentam com vazios, quando percebo furtam o futuro, é quando no presente vencido começam a revelarem-se as forças exauridas, abdicando serem repetidas nas últimas vontades.



QUISERA CHORAR

Quisera chorar, me falta emoção, lágrima e motivo, diante disso, inventarei alguma tristeza, tomarei alguma dor que esteja perto de mim. Terei as dores alheias como minhas, autênticas, puras, capazes de fazer chorar aos mais insensíveis.

NÃO AMO POR GENTILEZA

Não amo por gentileza, não resisto por ódio, participo dos cenários, ensaio com o que a vida me seja útil no presságio, já que a realidade teima em oscilar entre a narrativa e a consciência, não se confirmam argumentos decisivos no desgaste. Na prática, este exercício reiterativo de acreditar e desistir me prova que a verdade coage para que ao tentar adivinhá-la saibamos que ela não existe; nela, o espanto adormece, jamais cabe a experiência radical, pois ela é uma metáfora, uma realidade paralela, um sonho, uma imaginação que ora se sustenta e ora alimenta a desistência.



COM O PASSAR DO TEMPO

Com o passar do tempo, entendi que aquele fogão não era a essência do mundo, representando uma vitória sobre a fome, inventava o apetite pelos cheiros e as aparências qualquer outra coisa onde se depositasse o

esmero com que se venera os altares. Ali, juntando-se histórias e receitas de vida como fugas da sofrência, mãos amigas acariciavam o paladar e outras fomes.



CARA E CORPO

Inesquecível a ilusão com que a imaginação deu cara e corpo, todo o tempo, todo o universo, como doadora do difuso e do confuso. A imaginação transportando-me em cada etapa um otimismo encantando-me como se eu fosse um inventor de felicidades.



FICO COM

Fico com a despedida, os cortes, as feridas, as temporárias certezas, o amor insistido, a paz ligeira como o susto, a morte precoce como os sonhos impossíveis.

PELAS SINCERIDADES

A vida foi especial pelas humanidades, pelas sinceridades, pelo tempo que vivi, pelas paixões, pela natureza encantada. Pelas espécies, pela paisagem única que desperta a novidade e a coragem que entusiasma. Pela luz que meus olhos veem, pelos sons montados para musicar o cenário e guardar pedaços da memória, os silêncios que inventam novidades para as decadências e albergam os vazios.



INVENTO

Pressinto uma presença irracional quando penso transmitir amor ou outro sentimento qualquer, invento um interlocutor que reverbera o que se me brota quando necessito repartir algo que não caiba mais dentro de mim, o cunho singular do meu espírito, uma alegria que transborda minhas estruturas, que foge ao gozo solitário criando alteridades imaginárias.

INTERLOCUTOR

Ao encontrar um interlocutor que não escuta as minhas previsões, me certifico que falo para mim mesmo. Tento dar sentido ao meu pensamento, resgatar alguma coerência, eternizar algum lampejo que ne faça saber que interajo com fantasmas, como se meus esforços se extinguíssem na surdez alheia. Extraio da realidade aquilo que ela possa me oferecer, tanto na dor como no prazer até a profundidade onde se originam, como um espetáculo inédito exibindo as nulidades do outro.



PERDI A VELOCIDADE

Perdi a velocidade, a lentidão ocupou seu lugar, a ruga revelou a idade do desgaste. Perdi a tolerância à burrice, me incomoda a certeza dos idiotas, a arrogância dos frágeis, perdi a melhor parte, o olhar que visibilizava e conferia a admiração compartilhada. Contemplo sozinho a lembrança de uma época em que acreditei que podia

tirar proveito da vida, que o risco calculado enriquecia, que o reconhecimento do mérito comparceria, que o medo passaria, que os segredos comigo morreriam.



SOFRIMENTOS PROLONGADOS

Tento eliminar sofrimentos prolongados, acolho todas as tentações que me dão a certeza que estar vivo, coerente com meus princípios, com a minha humanidade. Canso de andar nesse deserto, onde a solidão se apresenta como solução, região estável, embora árida, ali é a casa do oásis, a maior e mais atraente das invenções imaginadas.

MINHA AVENTURA ESPIRITUAL

A minha aventura espiritual carregou consigo constrangimentos, maus momentos, medos difusos, o abuso de poder, os castigos, as injustiças, as críticas e as culpas infundadas, os bons exemplos, as ajudas não solicitadas, os maus humores. Nasci um purgatório que nunca chegou a ser inferno ou céu.



EM TEMPO INTEGRAL

Desminto em tempo integral que a esperança tenha sido liquidada, embora às vezes tenha sido negociada, convertida em moeda, reduzida a “coisa”, denunciada como vazio sonho, herdeira da irrealidade, fundadora do engodo, demitida sob suspeita de farsa. Resisto em vê-la como adjuvante do capital que pouco me importa.

OS MEDOS

Deixo na penumbra os medos, evito alimentá-los, eles sempre retornam vorazes, espaçosos, ocupam tempos importantes na minha vida. Fingem avisar, cobram ajustes, inventam, sabem se colocar no ventre das minhas fragilidades, no âmago do que me é mais prezado.



EM ANEXO

Em anexo aviso que não me sinto parte deste mundo que está aí. Passo a limpo o olhar que me ensina a negar as dores do mundo. Reorganizo os espantos; a frequência dos danos abala a leitura da realidade. Sigo na busca dos cuidados perdidos, dispenso os assistencialismos que agravam as minhas pobrezaas.

TENHO PECADOS

Tenho pecados que valeram a pena, guardo sonhos feridos, carrego a pobreza entranhada, a ganância engasgada, tenho segredos revelados, intolerâncias rudes, tenho sigilos prescritos, preconceitos vencidos e súplicas não atendidas, tenho afetos em desuso e competências aposentadas, carrego uma âncora avariada, ventos furiosos e marés variadas. Procuvo terra à vista.



SONHO ALHEIO

Decididamente, não tolero os que, não tendo ideais, tentam destruir o sonho alheio.

A FARSA MAIOR

Entre afetos retocados e repetidos, assisto à construção da ficção. Quanto maior a farsa maior a carência de sentidos. O vago sentido da loucura, encerra todas as contradições; autorizadas e validadas, se incluem as desordens e se enaltecem as exclusões.



INCOMPLETOS

Irregular, entre avanços e retrocessos meus afetos se ocupam e se desocupam. Eles não são seguros como seria de desejar. Incompletos, nem sempre de acordo comigo, ainda que pertençam em realidade a mim mesmo. Eles me confirmam ou abandonam de acordo com o propósito de cortar, exhibir, raspar, fixar.

ESTRANHO CÓDIGO

Um estranho código passeia ao meu redor, como efeitos colaterais confessam intromissões misturando memórias minhas e alheias descontroladas. Descubro que toda autoria deva ser duvidosa, desde esta perspectiva eu serei sempre eu mais algum outro.



BREVES INSTANTES

Despertar-me sempre me exige esforços de renascimento, logo exausto, em breves instantes incorporo todo o patrimônio ao imprevisto que se apodera entrando como uma tempestade na minha paz.

PROMETO MILAGRES

Prometendo milagres que nunca realizei, forjo confusões, planto vazios e outros tristes privilégios, convivo com úteis inocentes que entram sorrindo eufóricos na desagregação. Chama-me muita atenção como aceitam e festejam suas decadências. Eu, senhor das desgraças, amigo do diabo, convido ao fogo eterno, roubo, uso e abuso, manipulo e me reinvento sempre prometendo o que nunca fiz.



DESERTOS PERIGOSOS

Diante da miséria humana caminho por desertos perigosos. Vi o equilíbrio perdido, a esperança desorientada nas quatro estações, entre mares e dunas, entre dores naturais e vazios invertidos como grandes e promissores soluções, se renovam as mesmas ilusões reprodutoras da bestialidade que a demonização trata de manter.

FALTA-ME PACIÊNCIA

Falta-me paciência e força para albergar tristezas corriqueiras. Carrego rebeliões modernas como alheias fora de tempo e de lugar, envolvidas em trágicas decepções se pensam revolucionárias carregando circulares submissões. Em nome de deus e do diabo, hipócritas se alternam em enganar-me no desmando dos meus expropriados direitos.



O SENTIDO DA DOR

Minha consciência já não é despertada por banais interesses, pouco me espanto por haver perdido o sentido da dor que anuncia com dor aquilo que perdi. Acostumado às satisfações reduzidas, passou de moda esperar a novidade embrulhada em alguma alegria. Minha paz foi ocupada pelo fim dos encontros, meu horror está ocupado em se assustar com o festejo da ficção que promete substituição com vantagens, do

aborto festejado como uma social conquista. Da vida gastada em tolas certezas e de ver palavras esvaziadas em seus sentidos.



FUTURO INFECTADO

Chego ao futuro infectado, sem passaporte, sequestrado. Chego danificado do por indícios de realidade. Constatado que viver é caminhar entre uma inocente fantasia improvisada e um desespero turvado por falta de realizações e por excessos de intenções demoníacas.

TEMPOS ALCANÇADOS

Colocando mais um ano na minha vida, o tempo generosamente permitiu-me comemorar inúmeros amigos que deram visibilidade à minha existência, o destino correspondendo a um acordo que me permitisse conhecer meus netos, com eles rir, reajustar as cordas vocais, olhar na direção do vento, ultrapassando descontentamentos ocasionais, visitando cada novo presente e cada conversa sem pressa e de preferência com final feliz. Conquistada uma prole saudável, ainda sem esgotar a paternidade sinto falta dos olhares infantis ofertados na procura permanente dos sentidos da vida e das incógnitas do mundo. Permaneço do lado de fora observando silenciosamente a milenar reprodução que como espelho ecoa gestos, vozes, alegrias parecidas as que vivi nos tempos guardados na memória.

TITULOS

Pouco a pouco se ilumina o dia, os azulejos, o piso, os verdes da varanda, a imagem do espelho, a capa do livro, afrontam-se a calmaria saída da cama com a notícia fúnebre que sustenta uma intenção negociada. Especialistas em vírus, vulcões e feminicídios confeccionam a insalubre politização da vida cotidiana. Um bispo se associa a um senador para confirmar o silêncio sobre o surto de pedofilia, uma marca de cerveja engana a todos e, uma geração de transhumanos combate a memória, as origens e o destino dos humanos. Presságios sinistros comandam a fraudemia, novos vírus corrompidos surgirão como promessa de continuar a exploração e o sequestro da vida privada. Omitem ao meu corpo um instante de alegria, exilado de mim mesmo perdi os sonhos que sonhei no passado, entregues hoje como caução.

A MINHA AVENTURA

A minha aventura começa onde termina a subordinação. Alguma coisa persiste, por insistência aparece fugaz, precária como um instante, desafiando a proposta de inovar.



Roberto Curi Hallal

